

QUINTA-FEIRA





i

*Simmons, director regional de uma cadeia de lojas de desconto, meteu o troco no bolso, dobrou o jornal com cuidado e pô-lo debaixo do braço. Olhou rapidamente para o relógio, saiu da loja e juntou-se à massa anónima de consumidores e trabalhadores de escritório que enchiam os passeios do centro da cidade. Consultou a sua agenda mental enquanto caminhava. Reunião semanal de vendas às dez, análise da situação com Jack Staynes às onze, almoço com um fornecedor à uma e meia...*

*Parou quando a viu. Inicialmente não passava de mais um rosto entre os transeuntes, indefinido, banal, tão irrelevante para ele como o das outras pessoas. Mas havia algo de diferente naquela mulher, qualquer coisa que o fazia sentir-se desconfortável. Numa fracção de segundo ela tornou a desaparecer, tragada pela multidão. Desesperado por encontrá-la entre a massa de figuras em movimento constante que se apressava em seu redor, ele olhou em volta, ansioso. Ali estava ela. Por um intervalo momentâneo entre os corpos viu-a a andar na sua direcção. Não tinha mais de um metro e meio de altura e caminhava curvada, numa gabardina encarnada e já desbotada. O cabelo, frisado e grisalho, estava preso sob um capuz de plástico transparente; ela olhava em frente, através das lentes grossas de uns óculos enormes. No mínimo tem uns oitenta anos, pensou, observando o rosto enrugado e com manchas acastanhadas. Então, porque era tão ameaçadora? Tinha de agir depressa, antes que ela voltasse a desaparecer. Não podia arriscar-se a perdê-la de vista. Pela primeira vez olhou-a directamente nos olhos e soube imediatamente o que tinha de fazer. Não havia por onde escolher. Tinha de o fazer — naquele preciso instante.*

*Largando o jornal, a pasta e o chapéu-de-chuva, Simmons abriu caminho por entre a multidão, estendeu o braço e agarrou-a pelas lapelas largas da gabardina. Antes que ela pudesse reagir, fê-la girar sobre si mesma e empurrou-a contra o edifício de onde ele acabara de sair. O corpo frágil era leve e a mulher pareceu voar por cima do passeio, mal tocando no chão com os pés, até embater na espessa vidraça de segurança da montra da loja e ricochetear de volta ao passeio. Estupefacta com a dor e a surpresa, ela ficou deitada com o rosto sobre o passeio frio e molhado. Simmons tornou a abrir caminho para a alcançar, acotovelando um pequeno ajuntamento de clientes preocupados que tinham parado para prestar auxílio à idosa. Ignorando os protestos zangados da multidão, forçou a mulher a levantar-se e empurrou-a de novo de encontro à montra; a cabeça dela ressaltou ao embater no vidro pela segunda vez.*

*— Mas que raio está a fazer, meu idiota? — gritou um transeunte horrorizado, agarrando Simmons pela manga do casaco e puxando-o para trás. Ele contorceu-se e conseguiu soltar-se. Tropeçou e aterrou de gatas na sarjeta. Ela continuava de pé, mesmo à sua frente. Via-a por entre as pernas das pessoas que a rodeavam.*

*Sem ligar aos urros e berros de protesto com que lhe martelavam os ouvidos, Simmons apressou-se a levantar-se, detendo-se apenas para apanhar o chapéu-de-chuva e para colocar no lugar os óculos de aros de metal que lhe escorregavam na cana do nariz. De chapéu-de-chuva em riste como uma baioneta armada investiu de novo na direcção da mulher.*

*— Por favor... — implorou ela, quando Simmons lhe enterrou a ponteira de ferro do guarda-chuva na barriga e a arrancou de seguida. Ela bateu com as costas na montra, usando as mãos para comprimir a ferida, enquanto Simmons era rapidamente absorvido pela turba, chocada e incrédula. No meio da confusão, viu as pernas dela cederem; a mulher tombou pesadamente no chão, esvaindo-se de um golpe profundo no flanco.*

*— Louco! — um insulto cuspidado no seu ouvido. Simmons virou-se e encarou o dono da voz. Jesus Cristo, outro! Este era igual àquela velha. E ali estava mais um, e outro ainda... e agora estavam todos à volta dele. Olhou, impotente, para o mar de rostos enraivecidos que o rodeavam. Todos se confundiam. E, de súbito, cada um se tornara uma ameaça. Sabia que eram demasiados, mas tinha de lutar. Num acto de desespero, cerrou o punho e desferiu um murro no rosto mais próximo. Enquanto um adolescente se encolhia devido ao golpe inesperado e caía, uma borda de figuras uniformizadas afastou a multidão e forçou-o a deitar-se no chão.*



De loucos. Raios, já vi algumas coisas acontecerem nesta cidade, mas como aquilo nunca. Foi repulsivo. Tive vontade de vomitar. Meu Deus, ele materializou-se do nada e ela não teve qualquer hipótese, pobre velhota. Agora está no meio da multidão. Sozinho contra cinquenta pessoas e, ainda assim, continua a tentar lutar. Esta terra está cheia de gente maluca. Felizmente para aquela mulher está também cheia de polícias. Dois deles estão agora junto dela, a tentar estancar-lhe o sangue. Outros três agarraram o tipo e estão a arrastá-lo dali.

Bolas, faltam três minutos para as nove. Vou chegar outra vez atrasado ao trabalho, mas não consigo mexer-me. Estou bloqueado por esta maldita turba. Tenho gente em todas as direcções e não posso avançar nem recuar. Vou ter de esperar até que recomecem a andar, por muito tempo que isso demore. Estão a chegar mais agentes que tentam libertar o espaço. É mesmo patético, seria de esperar que houvesse algum respeito, mas as pessoas são todas iguais. Ao primeiro sinal de confusão na rua, toda a gente pára e fica a assistir ao espectáculo.

Até que enfim, estamos a andar. Ainda vejo o tipo a ser levado para uma carrinha da Polícia que está parada do outro lado da rua. Caramba, ele esperneia, grita e chora como um bebé. Parece ter perdido o juízo por completo. Pelo barulho que faz, dir-se-ia que foi ele o atacado.

Sei que sou um grande preguiçoso. Reconheço que devia esforçar-me mais, mas não estou para isso. Não sou estúpido, mas às

vezes acho difícil importar-me com estas coisas. Devia ter atravessado a Millennium Square a correr para chegar a horas, mas era demasiado esforço para aquela hora da manhã. A andar, acabei por chegar aqui pouco depois das nove e um quarto. Tentei passar despercebido, mas era inevitável que alguém me visse. E esse alguém tinha de ser a Tina Murray, não tinha? A cabra da minha supervisora, capataz de cara azeda. Agora está atrás de mim, a observar-me enquanto trabalho. Julga que não sei que ali está. Não a suporto. De facto, não consigo lembrar-me de uma pessoa de quem goste menos. Não sou um homem violento — não gosto de confrontos e acho ofensiva a simples ideia de bater numa mulher —, mas há alturas em que de boa vontade lhe esmurraria a boca.

— Deve-me quinze minutos — reclama, naquela sua voz queixosa e horrível. Recosto-me na cadeira e volto-me lentamente para a encarar. Forço-me a sorrir, apesar de só me apetecer cuspir-lhe. Está à minha frente, de braços cruzados, a mascar pastilha elástica e com um ar de poucos amigos.

— Bom dia, Tina — respondo, tentando manter-me calmo e não lhe dar a satisfação de saber quanto me chateia. — Como está hoje?

— Pode descontar o tempo na hora do almoço ou ficar até mais tarde no final do dia — riposta. — Decida como vai compensar o atraso.

Sei que só pioro a situação, mas não consigo conter-me. Devia calar-me e reconhecer que estou em falta, mas não suporto a ideia de esta mulher odiosa pensar que é ela quem manda. Apesar de ter noção de que não estou a melhorar as coisas, não consigo controlar-me. Tenho de dizer qualquer coisa.

— Então e ontem de manhã? — pergunto. Faço um esforço para voltar a olhar para a sua cara feia e dura. Ela está tudo menos contente. Muda o peso de um pé para o outro e masca a pastilha com mais força e velocidade. O queixo move-se em círculos nervosos. Parece uma vaca a ruminar. Bezerra de merda.

— Ontem de manhã? — riposta.

— Bem — começo a explicar, tentando não parecer condescendente —, se está recordada, ontem entrei vinte minutos antes

da hora e comecei a trabalhar assim que cheguei. Se vou ter de compensar os seus quinze minutos de hoje, posso reclamar os meus vinte minutos de ontem? Ou damos as contas por saldadas e dispenso-lhe os meus cinco minutos?

— Não diga parvoíces. Sabe que as coisas não funcionam assim.

— Talvez devessem.

Diabos a levem, agora está mesmo irritada. Está corada e tem as veias do pescoço salientes. Fiz um comentário estúpido e desnecessário, mas tenho razão, não tenho? Porque é que a autarquia e a administração da cidade hão-de ficar sempre a ganhar? Agora limita-se a olhar para mim e o seu silêncio começa a fazer-me sentir muito desconfortável. Devia ter mantido a boca fechada. Deixo-a ganhar a confrontação, viro-me e regresso ao trabalho no computador.

— Ou compensa na hora do almoço ou fica até mais tarde — remata já a afastar-se. — Não me interessa como o faz, mas assegure-se de que compensa o tempo que deve.

E vai-se embora. Deu a conversa por terminada sem me dar hipótese de lhe responder ou de tentar ter a última palavra. Cabra!

A Tina dá-me arrepios, mas acabo por ficar a olhar para ela em vez de para o ecrã do meu computador. Voltou para a sua secretária; Barry Penny, o chefe da repartição, aparece de repente. Como ela está a falar com alguém que é seu superior, alterou por completo a linguagem corporal. Sorri e ri com as piadas patéticas do homem, tentando descobrir até que ponto lhe pode lamber o rabo.

É impossível não pensar no que vi na rua. Meu Deus, como gostava de ter um guarda-chuva como o daquele tipo. Sei exactamente onde havia de o enfiar.

Por vezes é uma vantagem ter um emprego tão entediante e monótono. Isto está bem abaixo das minhas capacidades e nem preciso de pensar no que estou a fazer. Posso trabalhar em piloto automático e o tempo passa depressa. Até agora a manhã correu assim. A satisfação profissional é nula mas pelo menos os dias não se arrastam.

Já trabalho aqui há quase oito meses (parece que é há mais tempo) e sou funcionário da autarquia desde há três anos e meio.

Neste período já passei por mais departamentos do que o funcionário com mais anos de carreira. Estou sempre a ser transferido. Trabalhei durante algum tempo no departamento de controlo de pragas, no da recolha de lixos e no da manutenção da iluminação pública, antes de entrar para onde me encontro agora: para o Departamento de Processamento de Coimas, ou DPC, como o município lhe chama. Têm o hábito irritante de reduzir todos os departamentos a meras siglas. Antes de ser transferido para cá, tinham-me dito que o DPC era para onde enviavam quem não cumpria objectivos e, assim que aqui entrei, apercebi-me de que isso era verdade. Na maioria dos sítios onde trabalhei, ou gostava do trabalho mas não das pessoas, ou justamente o contrário. Aqui debato-me com ambas as situações. Este lugar é um viveiro de problemas. É aqui que vêm barafustar e discutir o valor das multas todos os condutores suficientemente azarados (ou estúpidos) para que lhes bloqueiem as rodas dos carros, para serem apanhados a violar uma regra de trânsito ou para serem multados pelo funcionário de um parque de estacionamento. Costumava sentir empatia por estas pessoas, acreditava nas histórias que me contavam. Oito meses aqui mudaram-me. Agora não acredito em nada do que me dizem.

— Viste aquele gajo, hoje de manhã? — pergunta uma voz vinda de trás do computador à minha esquerda. Kieran Smith. Gosto do Kieran. Como a maioria de nós, é um desperdício estar aqui. É esperto e, se tentasse, podia conseguir uma vida boa. Estudava Direito na universidade; no Verão passado aceitou um emprego de férias neste departamento e nunca mais voltou a pôr os pés nas aulas. Explicou-me que se habituou a ter dinheiro no bolso e que já não seria capaz de passar sem ele. Compra uma quantidade incrível de coisas. Todos os dias parece regressar do almoço com sacos com roupas, livros, DVD e CD. Se penso nisso é por inveja, pois vejo-me aflito para ter dinheiro suficiente para comprar comida, para não falar em nada mais. O Kieran passa a maior parte do dia a conversar com o colega Daryl Evans, que se senta à minha direita. Falam através de mim, por cima de mim; muito raramente se dirigem a mim. Mas isso não me incomoda. As conversas deles são chatas como o diabo e a única característica comum entre nós

é o facto de trabalharmos na mesma pequena secção da mesma pequena repartição. Para ser franco, o que me perturba é parecerem ser capazes de não fazerem grande coisa durante largos pedaços do dia de trabalho. Talvez seja por se darem bem com a Tina fora das horas de serviço, com quem às vezes bebem uns copos. Meu Deus, a mim basta-me tossir para que ela se levante da cadeira para ver o que estou a fazer e por que parei de trabalhar.

— Que gajo? — responde o Daryl com um grito.

— Na rua, no caminho para cá.

— Em que rua?

— Na rua principal, mesmo à porta do Cartwrights.

— Não vi nada.

— Deves ter visto.

— Não vi. Não passei pelo Cartwrights. Esta manhã vim pelo outro lado.

— Estava lá um gajo — prossegue o Kieran como se não ouvisse o outro —, devias tê-lo visto. Ficou completamente maluco.

— De que é que estás a falar?

— A sério, pá, estava louco. Pergunta ao Bob Raelins, dos arquivos. Ele viu e acha que o gajo praticamente a matou.

— Matou quem?

— Não sei, uma velha. Sem uma palavra, atirou-se a ela sem qualquer motivo. Ouvei dizer que lhe enfiou um guarda-chuva na barriga.

— Estás a brincar...

— A sério.

— Não acredito!

— Então pergunta ao Bob...

Habitualmente não entro nestas conversas precipitadas (na maior parte das vezes não sei do que é que eles estão a falar), mas hoje, como estava lá, posso acrescentar qualquer coisa. É patético, mas o facto de saber mais sobre o que aconteceu do que o Kieran ou o Daryl faz-me sentir orgulhoso e superior a eles.

— Ele tem razão — afirmo, levantando os olhos do ecrã.

— Também viste? — pergunta o Kieran. Recosto-me na cadeira, satisfeito comigo mesmo.

— Aconteceu mesmo à minha frente. O tipo até podia ter-me atacado se eu tivesse chegado segundos antes.

— Então o que foi aquilo? — pergunta-me o Daryl. — Foi como ele disse?

Olho de relance para a Tina. Tem a cabeça enfiada numa pilha de papéis. Posso continuar a conversa.

— Primeiro vi a velhota — conto-lhes. — Quase tropecei nela. Passou por mim a voar e estatelou-se contra a montra junto à porta lateral do Cartwrights. Pensei que devia ser um bando de miúdos a tentarem roubar-lhe a mala, ou qualquer coisa do género. Nem quis acreditar quando o vi. Parecia um gajo normal. Fato, gravata, óculos...

— Então, porque é que ele fez isso? Que mal é que ela lhe fez?

— Não faço ideia. Caramba, no estado em que ele se encontrava eu não ia perguntar-lhe.

— E atirou-se pura e simplesmente a ela? — murmura o Daryl, como se não acreditasse no que lhes digo. Aceno com a cabeça, virando-me para um e para outro.

— Nunca tinha visto uma coisa daquelas — continuo. — Correu para ela e varou-a com o guarda-chuva. Foi nojento. Foi directo à barriga dela. A gabardina da mulher ficou cheia de sangue e...

A Tina já levantou a cabeça. Olho para baixo e começo a teclar, tentando lembrar-me do que estava a fazer.

— E depois? — sibila o Kieran.

— O idiota virou-se para o resto da turba. Começou a bater nas pessoas que estavam à volta dele. Foi então que os polícias apareceram — explico, continuando a olhar para o ecrã sem, na verdade, fazer o que quer que seja. — Arrastaram-no e atiraram com ele para a parte traseira de uma carrinha.

A conversa volta a interromper-se. A Murray anda pela sala. Por momentos, o único som que ouço é o de dedos sobre três teclados enquanto fingimos que trabalhamos. Depois de varrer a sala com o olhar, detendo-se especialmente em mim, ela sai; o Kieran e o Daryl param logo de teclar.

— Mas então ele tinha algum problema? — pergunta o Daryl desnecessariamente.

— É claro que ele tinha algum problema — respondo. Meu Deus, por vezes este tipo é mesmo idiota. — Achas que ele trespassava uma velhota com um guarda-chuva se não tivesse problemas?

— Mas disse alguma coisa? Gritou-lhe, berrou ou...?

Pergunto-me se valerá a pena responder à sua meia pergunta.

— Sim — resmungo.

— Estava bêbedo ou drogado ou...?

— Não sei — digo eu, começando a irritar-me. Paro por segundos e penso na resposta a dar-lhe. Ainda tenho a cara do homem bem presente. — Ele parecia aterrorizado como o caraças — explico-lhes. — Parecia que era ele que estava a ser atacado.